

CONGRESSO

Já me referi aqui ao Congresso pela Liberdade da Cultura, e citei alguns nomes de grandes escritores do mundo que participam desse movimento. Ele está sendo fundado agora no Rio, e esta semana deve haver uma reunião prévia para sua organização. Intelectuais de S. Paulo e outros centros serão depois, naturalmente, convidados.

O que inspira esse movimento é a convicção, tão profunda no século passado e tantas vezes ridicularizada na primeira metade do atual, de que o progresso verdadeiro só acontece quando cada indivíduo pode manifestar livremente sua opinião. E sobretudo a livre criação e a livre crítica que se tenta defender. Esses direitos estão sendo legados ou ameaçados um pouco por toda parte. Na Rússia e nos seus satélites, em nome da "construção do socialismo".

Em muitos países da América Latina, em nome de Deus, da Pátria da Família, da "civilização ocidental", etc. Na Argentina em nome da Grande Argentina. Nos Estados Unidos em nome da contra-espionagem. Na Bolívia em nome do estanho, na América Central em nome da banana... São mil e um os pretextos para suprimir a liberdade dos adversários ou possíveis adversários de cada regime estabelecido. No Brasil tivemos uma ditadura de Estado para nos defender das ameaças de um plano — Plano Cohen, grosseiramente forjado por alguns cavaleiros que aí estão até hoje com a cara mais limpa deste mundo. Em Portugal, na Espanha, na África, na Ásia, no mundo inteiro a paisagem é a mesma.

Ora, o Congresso pela Liberdade da Cultura não pretende consertar o mundo. Não tem, mesmo, as aspirações e ambições de um partido político normal, não tem um programa a aplicar para resolver cada problema social. Os escritores que o integram podem pertencer a vários partidos — excluídos, naturalmente, aqueles que negam a liberdade de cultura em nome disso ou daquilo.

O que esses escritores pretendem defender é antes de tudo a sobrevivência do escritor como tal; como uma pessoa que pensa ou sente alguma coisa e a exprime, sem ter de indagar se isso pode aborrecer o prefeito ou o vigário. Esse bicho estranho, esse monstro antidiluviano, esse homem livre — ele insiste em existir, em falar e em ser ouvido. Por isso ele se junta a outros bichos idênticos, em um ato de legítima defesa. O Congresso é isto.

R. B.

13/7/54

109